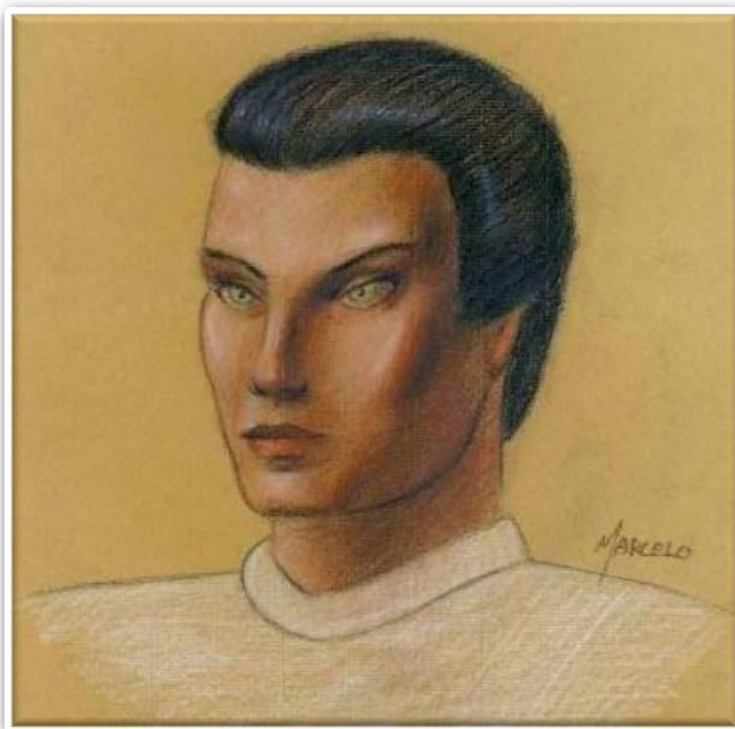


II - KARRAN: O HOMEM DO PLANETA KLERMER

Quando a porta se abriu, uma visão resplandecente me atordoou momentaneamente.



Gostaria de lembrar que a única diferença percebida por mim entre nós e eles, está relacionada com os olhos, sendo que estes são redondos na parte externa e apertados na parte interna próxima do nariz.

Tratava-se de uma sala muito ampla e redonda, muito bem iluminada, porém com um detalhe: não havia lâmpadas, nem lustres e nem abajures.

Minha primeira impressão foi de que estávamos dentro de uma grande cúpula de prata onde tudo era luz, inclusive as paredes. Em sua volta, havia muitos aparelhos, todos grandes, de uma beleza inacreditável, como também poltronas semelhantes as que já havíamos visto, grandes demais para o nosso

tamanho.

Fomos conduzidos para perto daqueles aparelhos grandes que tinham um lindo painel composto de muitas lâmpadas redondas e quadradas. Colocaram-nos sentados perto de um aparelho, eu de um lado e o meu companheiro de outro. A seguir, um dos homens caminhou para uma espécie de armário, apanhando uma caixa grande e, voltando em nossa direção, parou ainda com



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

aquela caixa em suas mãos. O outro homem, abrindo-a, retirou de seu interior dois capacetes. Dirigindo-se ao meu companheiro, fez-lhe entender por gestos que iria colocar-lhe o dito capacete. Como o meu companheiro não demonstrou nenhuma resistência ele, cuidadosamente, colocou-lhe o capacete. O mesmo também foi feito comigo.

Estes capacetes eram de cor de alumínio fosco e moldavam-se perfeitamente bem em nossas cabeças cobrindo-as totalmente: a testa, até a altura das sobrancelhas, as têmporas e os ouvidos, tendo nesta parte, saliências como se fossem dois fones. Na parte da frente, ou seja, na testa, havia uma lâmpada. Havia outras lâmpadas bem menores espalhadas pelo capacete. Ao lado de cada lâmpada, por um orifício, saiam fios cor de prata com um pino nas pontas. Porém, a luz que ficava na parte da frente do capacete, ou melhor, na testa, era bem maior que as demais.

Pouco depois, foi a vez de uma caixinha, acompanhada de uma pulseira, como se fosse um relógio de pulso, com uma lâmpada também pequena na parte superior e um fio ao lado como os dos capacetes. Em seguida, o homem que tinha trazido a primeira caixa com os dois capacetes e as duas pulseiras voltou ao mesmo local e trouxe outra caixa idêntica dela retirando mais dois capacetes e duas pulseiras que eles colocaram em suas próprias cabeças e pulsos. Assim que toda essa operação foi realizada, um outro homem entrou naquela sala e pegou fio por fio ligando cada um numa tomada do aparelho. Os dois homens com capacetes sentaram também em duas poltronas de frente para o aparelho em que estavam ligados todos aqueles fios. Vi que duas enormes lâmpadas se acenderam no painel, uma em cima e outra embaixo. Também se acenderam as lâmpadas dos capacetes na parte da testa de todos nós e as pulseiras também se iluminaram.

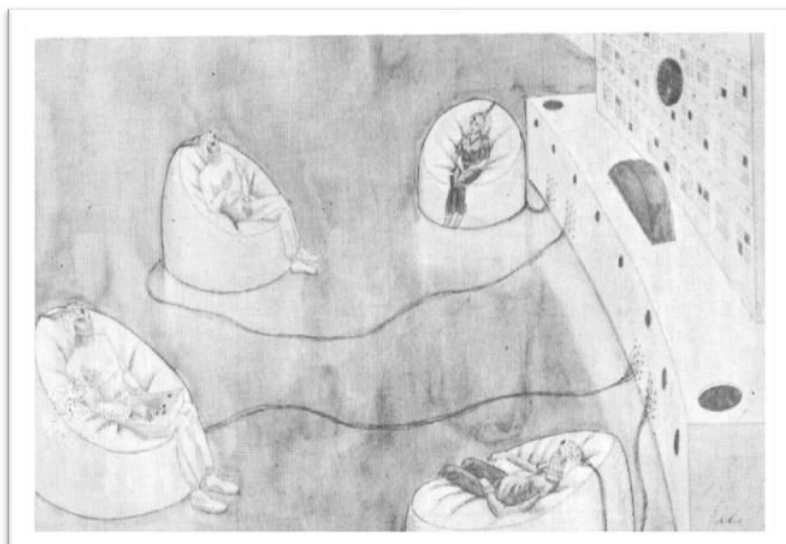
Pouco depois, um deles começou a falar. Eu não entendia absolutamente nada. Os dois homens estavam sentados de frente para o aparelho. Eu estava à esquerda e o meu companheiro à direita deles, mas de frente para mim, quer dizer, eles ficaram entre nós dois. O outro rapaz estava do lado do meu companheiro e o homem que tinha brincado comigo fazendo as coisas fluírem estava do meu lado, a uma distância de 1.50 m aproximadamente.

O rapaz que estava do lado do meu companheiro batia insistentemente em uma espécie de máquina de escrever, que estava em seu colo, enquanto o



outro falava. Foi aí que eu entendi perfeitamente o que ele dizia. Não que eu estivesse entendendo o que ele dizia. Não. Embora eu ouvisse a sua voz, eu o entendia pelo som que vinha dos fones em meus ouvidos.

A primeira coisa que eu entendi foi: Seja bem vinda! Nesse momento gritei para o meu companheiro dizendo: Estão falando comigo! Ele notou minha reação e repetiu a frase:



... – Eu sou Bianca. E você, quem é? Levando a mão para o peito, respondeu-me:
- Eu sou Karran ...

– Seja bem vinda!
Qual é o seu nome?

– Eu sou Bianca. E você, quem é?

Levando a mão para o peito, respondeu-me:

– Eu sou Karran.

– Karran de onde?

– De Klermer.

– O que é Klermer?

– Minha Terra! Somos de uma Terra a uma distância ainda não conhecida do homem da sua Terra.

Depois desta explicação eu perguntei:

– Onde estamos?

A resposta não me agradou muito. Ele disse-me que onde nós estávamos não importava e que o importante era de onde tínhamos vindo.



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

Ele continuou a olhar-me e, novamente, dirigi-lhe a palavra e perguntei se não íamos mais voltar.

Ele disse-me que sim e que podíamos nos tranquilizar, pois não iriam nos manter ali por muito tempo. Depois de me dar àquela explicação, Karran dirigiu sua atenção para o meu companheiro. Eu podia ouvir normalmente tanto a voz de Karran quanto a do meu companheiro, mas enquanto eles conversavam eu não podia ouvir a tradução do que Karran dizia para ele. Foi com grande alívio que recebi aquela notícia, pois, embora estivéssemos sendo bem tratados, a idéia de não ver mais meus filhos me perturbava bastante. Porém, depois destas palavras, não havia mais motivo para esta espécie de preocupação.

Karran começou a conversar com o meu companheiro e este lhe perguntou de onde eles eram. A resposta de Karran me pareceu ter chocado o meu companheiro, pois este ficou desfigurado e, olhando fixamente para Karran, começou a orar pedindo forças a Jeová para resistir a Satanás, o diabo. Em seguida, levantou uma das mãos na direção de Karran, passando a exorcizá-lo, mais ou menos assim:

– Afaste-se de mim Satanás, em nome de Jeová, eu te ordeno que desapareça! O sangue de Jesus tem poder! Senhor tende piedade de teu servo, afaste de mim esta tentação! Eu sou um humilde pecador. Suplico-lhe em nome de teu filho Jesus Cristo, que o Satanás desapareça. O sangue de Jesus tem poder!

Eu fiquei muito assustada com aquela atitude do meu companheiro, que eu não esperava, e tive medo que ele viesse a ter um enfarto, porque, quando ele começou o exorcismo, estava muito vermelho e as artérias do seu pescoço estufaram-se. Mas em seguida sua pele foi ficando pálida e seu queixo tremia bastante. Karran não disse nada enquanto o meu companheiro falava, ficando todo o tempo a observá-la. Somente depois que notou que ficamos mais calmos é que falou-me novamente e, desta vez, perguntou-me:

– Todos, na sua Terra, pensam assim como ele sobre o Criador?

– Não, nem todos! Karran, vocês acreditam em Deus? – perguntei.



– Sim. E você, o que pensa do Criador?

Eu disse que Deus é o criador de todas as coisas, a fonte de toda a vida, amor, justiça, sabedoria e poder. Nossa vida depende dele e que tudo que existe foi feito por ele. Depois de uma breve pausa, ele, olhando-me fixamente, tomou a me perguntar:

– O que você pensa sobre a justiça do Criador?

– Não posso responder-lhe. Quem sou eu para falar em justiça de Deus, se não sou capaz nem de falar sobre a justiça do homem? O que para mim pode ser justo, outras pessoas podem não achar que seja. Como pode ver acho que a minha mentalidade é pequena demais para entender a justiça de Deus.

Acho que ele ficou um pouco surpreso com a minha resposta, ficando a olhar-me como se quisesse ler meus pensamentos. Depois, fazendo um gesto com a mão, batendo com os dedos sobre sua perna, disse-me apontando para o meu companheiro:

– Falarei um pouco com ele.

Entre uma pergunta e outra, durante o tempo em que eles conversavam, fiquei a observar seus traços fisionômicos, coisa que antes eu não tinha tido condições de fazer. Talvez movida pelo susto e o medo que tive, não notara até aquele momento os detalhes que agora descrevo.

Que se tratava de homens eu vi logo, desde o início como também vi que vestiam macacões brancos. Porém, depois, com mais calma, é que notei as diferenças entre eles e nós. Eram muito altos, mais ou menos dois metros de altura, morenos cor de jambo, quer dizer, morenos bem corados, os olhos grandes, redondos e verdes. O nariz que parecia feito sob medida era perfeito. A boca, era do tamanho normal em proporção ao rosto. Os lábios eram grossos, carnudos, porém não eram beijudos e não usavam bigodes. Vi perfeitamente a sombra da barba que é comum a todo homem. Os cabelos eram cheios, lisos, negros e vinham até a altura do pescoço. Embora fossem



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

altos, como eu já disse, não eram feios de corpo, pois o físico compensava plenamente a altura que tinham.

Durante todo o tempo em que ele conversava com o meu companheiro eu continuei nas minhas observações. Os fatos e a beleza de tudo me chamavam a atenção. Suas roupas eram brancas, todavia, de um branco que eu nunca tinha visto antes em parte alguma. O tecido era grosso, porém pareceu-me bastante leve, com um brilho que refletia a luz. Essa roupa era bem assentada no corpo. Como as fazem, eu não sei, mas posso dizer que não havia uma só marca de costura ou emenda.

Estavam de sapatos. Estes também eram brancos, mas não como as roupas, porque não tinham brilho e, em comparação com suas roupas, eram de um amarelo bem claro. As solas eram grossas e não tinham saltos. Usavam um cinto da mesma cor dos sapatos, com uma fivela que me pareceu ser de prata e era quadrada. Não usavam luvas e, por isso, vi perfeitamente suas mãos que eram iguaizinhas às nossas.

O meu companheiro estava falando a Karran sobre a Bíblia e religião. Como eu não ouvia a resposta que Karran dava para ele, fiquei curiosa sobre o assunto, pedi licença para falar e fiz esta pergunta:

- Karran, vocês têm religião?
- Não temos necessidade de religião! Ele respondeu.
- E como conhecem a Deus?
- O Criador se manifesta pela própria criação.

Ele não é conhecido através de livros ou religiões e sim pelo que ele fez, pela vida que deu a você e a mim, pelo ar que você respira e eu também, pela água que você bebe e eu também, pela terra que você pisa e eu também.

É pela grandeza de sua criação que ele se faz conhecer, em todo lugar. Tudo o que você e eu fazemos, admirar, conhecer, viver, alimentar-se, vestir-



se, tudo é dele e sendo dele, ele se faz presente em todo lugar. Por isso digo a você que o conhecemos.

– Puxa, Karran! Parece que é a primeira vez que eu estou ouvindo falar de Deus! Exclamei. Vocês conhecem a Bíblia? – perguntei em seguida.

– Já ouvi várias pessoas falarem deste documentário que vocês chamam de Bíblia.

Depois desta resposta ele me fez uma pergunta que eu achei estranha porque o meu companheiro tinha falado a ele sobre textos bíblicos, principalmente aqueles que mostram a necessidade que temos de amar a Deus, para termos direito à vida eterna. Karran perguntou-me desta maneira.

– Diga-me agora, dentro de tua sinceridade, o homem da tua Terra ama o Criador?

Foi assim que eu respondi:

– Esta palavra amor é muito usada, mas pouco praticada. O único amor que eu acho que existe realmente é o amor dos pais para com os filhos, e, mesmo assim, acontece às vezes de os pais não gostarem *de* seus filhos ou os filhos não gostarem dos seus pais.

É também usada a palavra amor entre um homem e uma mulher, mas eu não acho que este sentimento seja amor e sim desejo carnal em primeiro lugar, e, depois, uma amizade entre ambos, mas nunca amor, porque o verdadeiro amor é eterno, não morre, enquanto que o amor entre um homem e uma mulher pode morrer e renascer várias vezes, isto é, sempre que houver desejo. Entre a humanidade não existe amor, pois se houvesse amor não haveria guerra, nem roubos e nem fome. Não há amor nem mesmo pela natureza, pois se houvesse o homem não procuraria danificá-la tanto. Olha Karran, eu acho que o homem não ama nem a si mesmo, e se ele não tem capacidade de amar a si, não poderá, de maneira alguma, amar o seu próximo. Não amando o próximo que ele pode ver e tocar, como pode amar a Deus que ele não vê?

– O ser humano não é o seu próximo Ele é o seu semelhante. Os animais, sim, eles são o seu próximo.



Achei esta resposta muito estranha, mas eu não queria discutir minha opinião naquele momento, então, fiz-lhe outra pergunta.

– Karran, Deus é espírito?

– O Criador não é espírito, pois o espírito é uma criação dele, e, sendo ele o criador do espírito, mostra-nos que ele está muito além de sua própria criação. Eu sou um espírito e você também o é. Sua parte visível, que é a matéria, não pode me responder nada sem sua real presença. Quando você abandona a sua matéria, esta fica completamente sem valor, morre – respondeu Karran.

– De onde vem o seu conhecimento sobre Deus? – perguntei.

– Nosso conhecimento sobre o Criador vem diretamente dele.

– Como? – Insisti.

– Quando fomos criados, todos nós, inclusive você, já nascemos com capacidade para entendê-la como Criador de todas as coisas. Isto é registrado na memória já por natureza, no entanto, toda a pesquisa que fazemos na sua Terra, com respeito ao Criador, já não é a mesma ⁽¹⁾.

Foi o que Karran explicou antes de me fazer a seguinte pergunta:

– Mas, diga-me, o que pensa com relação a nós?

– Bem Karran, eu não penso nada! Porque para mim vocês não existem.

– Mesmo vendo-me aqui, bem perto de você, continua a acreditar que nós não existimos? Eu não entendo?

¹ Reproduzo as palavras de Karran como eu as ouvi. Naquele momento o que eu entendi é que o nosso conceito sobre o Criador não é mais o mesmo de origem, ou seja, o nosso conceito não corresponde mais ao registro natural ao qual referia.



– Você já vai entender. Na minha terra, como você deve saber, existem as religiões. Estas mesmas religiões ensinam que não há vida em outros planetas, que somente em nosso mundo tem vida humana e que nós somos feitos à imagem e semelhança de Deus ou Criador como vocês o chamam. A única idéia de vida em outros planetas, que eu tenho, é dos filmes ou desenhos animados. Estes filmes mostram-nos a vida em Marte. Sabe como são os marcianos?

Homens verdes e com antenas na cabeça e os vulcanos, que são homens fortes, feios, de orelhas grandes e pontudas. Partindo deste princípio e que eu disse que não penso nada. Daqui para frente então é que eu vou começar a pensar.

Karran deve ter gostado do que eu disse, pois foi com um sorriso que ele me disse assim;

– Gosto de falar contigo. Tu não tentas mostrar um conhecimento que não tens e isso é bom, pois no teu mundo, a sinceridade não é comum a todos os humanos ⁽²⁾.

Depois destas palavras ele voltou a falar com o meu companheiro e eu fiquei a observar os seus gestos. Eram naturais, isto é, os movimentos de suas mãos, de suas pernas e até mesmo suas expressões faciais quando falava eram iguaisinhos às nossas. Quando puxava as mangas de sua roupa para cima, eu via que seus braços morenos tinham pêlos, como os homens de nossa terra.

Enquanto eles conversavam, notei um outro rapaz que saiu de um corredor. Assim que ele notou meu olhar curioso sobre sua pessoa, deu uma paradinha e, colocando as mãos para trás, fez-me um gesto com a cabeça que eu entendi perfeitamente ser um cumprimento. Em seguida, eu fiz o mesmo, retribuindo-lhe o cumprimento com um gesto. Creio, que ele me entendeu, porque deu um leve sorriso e caminhou em direção a um aparelho redondo que estava naquela sala e que ficava sobre um outro aparelho semelhante a uma mesa.

Ele apanhou uma vareta ou algo parecido que era pequena e se esticava como se fosse uma antena de rádio. Com ela ele mexeu no aparelho redondo, movimentando alguma coisa e, depois, acionando o aparelho que estava logo

² Confesso que estranhei um pouco o fato de Karran usar sempre o “tu” quando falava comigo. Para não dificultar as coisas preferi usar o “você” toda vez que ele se dirige a mim.



abaixo ele começou a apertar alguns botões e ficou a olhar para aquele painel. Em seguida, foi para um outro aparelho, o maior daquela sala, e fez o mesmo processo, apertando vários botões e ficando logo após a olhar para um dos seus painéis. Ao terminar o que estava fazendo antes de se retirar, fez o mesmo gesto que havia feito antes, quando entrou na sala, e foi-se embora, voltando pelo mesmo corredor.

Tudo aquilo, para mim era muito interessante. Depois de fazer uma longa observação pela sala uma outra coisa me chamou a atenção. Foi o tal aparelho em que estavam ligados os nossos capacetes. O modo como ele funcionava era realmente uma beleza e eu fiquei a olhar demoradamente. Quando o meu companheiro falava, as pequenas lâmpadas de seu capacete acendiam-se durante o tempo exato em que a palavra era pronunciada. Assim que ele terminava de falar, as lâmpadas do capacete continuavam acesas, enquanto que, no aparelho tradutor, as lâmpadas redondas acendiam-se e apagavam-se de cima para baixo, com uma cor azul uniforme.

Quando tudo estava completo e todas as lâmpadas apagadas – excetuando-se a lâmpada maior na frente do capacete, que ficava acesa durante todo o tempo – é que vinham as respostas nos fones.

O mesmo processo ocorria quando Karran falava, dando respostas ou perguntando alguma coisa. A única diferença estava no aparelho tradutor a que os capacetes eram ligados, pois quando ele falava acendiam-se as lâmpadas quadradas.

Parece que Karran notou minha curiosidade, como também percebeu que eu não estava mais com medo. Fazendo sinal ao meu companheiro para que esperasse, ele dirigiu sua atenção para mim e perguntou.

– Está gostando do que vê?

Não hesitei nem um pouco em dar-lhe minha resposta dizendo que era lindo o que eu estava vendo e que eu estava real mente encantada com tudo aquilo.

Então ele disse-me:



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

– Se todos agissem como você, teriam mais proveito com o nosso trabalho!

– Mas eu tornei um susto muito grande – comentei.

Ele continuou a olhar-me e disse;

– Depois nós vamos dar uma volta pela sala para que você possa ver melhor.

Durante o tempo que estive na nave, vi apenas quatro homens e todos com estas descrições que eu relatei, completamente iguais. Porém, eu sabia perfeitamente distinguir entre um e outro. Onde estava esta diferença, não sei, mas que havia, isto havia. Eram como se fossem gêmeos, todos com a mesma fisionomia, mas com traços diferentes, todos tinham olhar calmo e o semblante alegre.

Perguntei a Karran, se aquelas pessoas, ou melhor, se os dois rapazes que vi além deles, eram seus irmãos. Ele respondeu-me que sim, embora não viessem da mesma mulher e do mesmo homem.

– Eu não entendi, Karran, porque, no meu mundo, irmãos são justamente os que vêm de uma mulher e de um só homem – disse eu.

Olhando-me calmamente ele disse-me assim:

– Na minha terra, todos somos irmãos e não importa quem sejam seus pais, porque somos uma só raça, um só povo, uma só família.

Esta resposta deixou-me muito curiosa e com vontade de fazer outras perguntas. Ele notou minha indecisão e me provocou. Tivemos então o seguinte diálogo.

Karran – Por que esta preocupação? Tem medo do que quer saber?

Bianca – Não se trata de medo. Estou apenas pensando no que você acaba de me dizer. Existe guerra no seu mundo?

K – Não! Pois, como eu disse, somos todos irmãos.



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

B – Desta maneira, nós também somos todos irmãos e, no entanto, existem as guerras. Qual a diferença do meu mundo para o seu mundo?

K – Muita! No meu mundo não existem divisões, como no seu.

B – O que você quis dizer com divisões?

K – Vários governos.

B – E no seu mundo não há governos?

K – Há apenas um governo para todo o meu mundo.

B – Tem dinheiro no seu mundo?

K – Dinheiro não é necessário para nós.

B – Não? Então como vocês compram as coisas, comida roupa, enfim, tudo o que é necessário para viver?

K – Não compramos nada. Tudo nos pertence e vem a nós por ordem do governo, como é chamado no seu mundo.

B – E como é que você sabe que, no meu mundo o chefe de um país é chamado de governo? Eu não disse isto a você!

K – Não era preciso. Nós sabemos o que acontece no seu mundo, porque estamos sempre em contato. Há vários dos seus na minha Terra. Não vê que posso falar com você? Esta montagem contém quase todos os idiomas da sua Terra, o que torna mais fácil nosso trabalho de comunicação com seu povo.

B – As pessoas que estão com vocês vão voltar algum dia ou não será permitido?

K – Sim, elas voltarão, quando a presença delas se tornar necessária.

B – Mas nós vamos voltar mesmo, não vamos, Karran?

K – Pode se acalmar. Eu disse que voltariam. Não tenha medo.

B – Se vamos voltar, por que fomos apanhados e o que querem conosco?



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

K – Foram trazidos para serem examinados quanto à capacidade física, visual e mental do homem da sua Terra. O que você acha do seu mundo? Você gosta ou tem algo que a aborrece?

B – É uma pergunta difícil de responder, porém, vou dizer-lhe o que penso. Às vezes, o meu mundo é muito bom, quando a pessoa tem dinheiro, ela é bem aceita em qualquer lugar, pode ir a qualquer parte do mundo, tem muitos amigos e cada um deles procura ser mais agradável do que o outro, pois temem perder aquela amizade que lhes é tão necessária. Eu, particularmente, não chamo a isto amizade e sim interesse pessoal de cada um. Mas, interesse ou não, esta pessoa é bem tratada e isto é bom. Mas o dinheiro não é a única coisa boa do meu mundo. Existem muitas outras coisas que eu acho que são boas, mas poucas são as pessoas que têm acesso a elas porque tudo depende de dinheiro e poucas são as pessoas que realmente o tem. E quando a gente quer alguma coisa ou ir a algum lugar e não pode, porque não tem dinheiro, então o meu mundo se toma muito ruim.

K – Você gostaria que as coisas mudassem?

B – Sim! Eu gostaria!

K – Em que sentido deveriam mudar?

B – É muito difícil dizer o que deveria mudar, mas se todos pudessem ter acesso às coisas que existem no *meu* mundo isto já seria uma grande mudança. Karran, quando você fala sobre o seu mundo, você realmente acredita que ele é seu?

K – Sim, ele pertence a mim e a todos da minha Terra. E você, acredita que o seu mundo é seu?

B – Não, eu não acredito. Na minha Terra tem muita gente, mas donos são poucos. O resto vive lá. Enquanto eu falava, o meu companheiro fez-me um sinal para que eu esperasse um pouco, porque ele queria fazer uma pergunta para Karran. Eles continuaram a conversar e eu, ainda muito entusiasmada com a beleza de tudo, continuei nas minhas observações. Mas isto não demorou muito porque depois de algum tempo, Karran se levantou, tirando capacete e pulseira, veio em minha direção e fez a mesma coisa comigo. Depois ele me colocou de pé e começamos a caminhar dentro daquela sala.



Fomos primeiramente na direção do aparelho redondo.

Quando eu fui chegando perto tive medo de ser sugada por ele, tão grande era seu efeito de profundidade. Mas Karran estava me apoiando. E com gestos procurou chamar minha atenção para um dos pontos de luz daquele aparelho. Ficamos observando um pouco, depois chegamos junto do aparelho que ficava embaixo. Este tinha um painel grande e no meio deste painel havia uma lente que sobressaía. Karran abaixou-se e olhou através daquela lente. Depois ele olhou para mim e indicou-me a lente para que eu olhasse. Quando eu olhei, vi um corpo celeste bem maior que a lua, só que não tinha brilho como ela, mas estava envolto por uma névoa acinzentada. Olhei um pouco e depois disse ao meu companheiro que eu estava vendo a lua muito maior e que ela tinha uma névoa cinza azulada em torno.

Em cima deste painel havia um objeto que parecia não ter nada a ver com ele. Era uma caixinha dourada pouco maior que uma caixa de fósforos. Era quadrada. Fui, peguei a caixa e fiquei a olhá-la. Eu estava com ela na mão quando começamos a caminhar na direção do maior aparelho daquela sala. Passamos devagar perto dele para que eu pudesse olhar e admirar a beleza que havia em cada tela ali existente. Depois voltamos a nos sentar.

Enquanto ele me colocava o capacete e a pulseira, fiquei observando a caixinha que estava em minha mão. Ela era quadrada, mas não tinha quina e havia, dos lados, desenhos de animais em relevo. Eu reconheci três deles: era um leão, um veado e um peixe. O quarto animal eu nunca vi em lugar nenhum. Havia alguma coisa dentro dela porque, quando eu a sacudia, o que estava dentro dela balançava. Tentei abri-la, por muito tempo, mas não consegui. Passei então a observar os símbolos que estavam perto de cada animal. Estes símbolos também eram em relevo e ocupavam a parte de cima e de baixo daquela caixa.

Quando começamos a conversar de novo, ele perguntou o que eu tinha achado. Falei que tinha gostado, principalmente do aparelho redondo. Então ele disse-me que aquela montagem era um mapa de rotas para planetas habitados, Apontou-me dois deles dizendo: Aquele é KLERMER, minha Terra, e lá fica a sua Terra. Eu fiquei olhando para o mapa, observando principalmente os grandes traços brilhantes ali existentes.

O meu companheiro voltou a falar com Karran, continuando a conversa que tinha sido interrompida e parecia que Karran estava bastante interessado, pois



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

quase não interrompia a aula bíblica que ele estava recebendo. Eu ouvia perfeitamente quando todos falavam, mas a tradução das respostas ou perguntas de Karran não eram passadas para os dois simultaneamente. A tradução só vinha no fone de quem estivesse conversando com ele no momento. Ficaram assim durante algum tempo, até que o rapaz que estava ao lado de Karran fez-lhe um gesto com a mão para que eles parassem um pouco. Eu creio que ele devia estar cansado, pois não parou de manipular um só momento o tal aparelho que estava em seu colo.

Enquanto eles ficaram conversando entre si, eu aproveitei para perguntar ao meu companheiro como ele estava se sentindo e foi com grande alívio que ouvi sua resposta de que estava se sentindo bem. Depois, ficamos um pouco em silêncio tentando entender o que Karran falava com seu amigo, mas foi inútil. Somente uma coisa notamos: a maneira como conversavam, era parecidíssima com algum idioma da Terra. Perguntei ao meu companheiro se ele conhecia aquele idioma e ele me respondeu que não. Mas eu insisti, dizendo-lhe: Eu não falo outro idioma, mas este não me é totalmente estranho. Esta maneira de pronunciar as palavras, eu já ouvi antes. Você está se referindo ao francês, não é? – disse-me meu companheiro. Eu também já havia notado esta semelhança. Esperamos mais um pouco e, quando Karran ia começar a falar novamente, eu disse ao meu companheiro que estava com fome. Vi as luzes se acenderem, mas não obtive nenhuma resposta. Porém, vi Karran levantar-se e retirar seu capacete e pulseira e colocá-los sobre sua poltrona. Ele dirigiu-se para um dos lados daquela sala e, colocando sua mão na parede, disse alguma coisa, voltando logo a seguir.

